

A Nobre Arte de Não Opinar: O Dia em que Descobri a Paz de Deixar o Outro Estar Errado - Parte 25

Por Eduardo Woetter · Publicado em 25/10/2018

No auge dos vinte anos, eu tinha uma tese pronta para qualquer assunto: de geopolítica no Oriente Médio ao ponto correto do arroz. Gastava h... Uma crônica bem-humorada sobre maturidade, rotina e o valor dos pequenos prazeres cotidianos.

Versão online e eventuais atualizações:

<https://woetter.com/post/a-nobre-arte-de-nao-opinar-o-dia-em-que-descobri-a-paz-de-deixar--24>

No auge dos vinte anos, eu tinha uma tese pronta para qualquer assunto: de geopolítica no Oriente Médio ao ponto correto do arroz. Gastava horas digitando réplicas em fóruns da internet com o vigor de quem defende a própria pátria.

Hoje, quando alguém diz na mesa que a terra é plana ou que colocar abacaxi na pizza é crime inafiançável, eu apenas sorrio, bebo um gole de cerveja e digo: 'É, pode ser.' O silêncio é a vacina definitiva contra o desgaste mental. Ter razão dá muito trabalho; ter paz é de graça.

A serenidade de entender quem somos quando paramos de tentar agradar plateias invisíveis.

A gente passa a primeira metade da vida correndo para provar aos outros que é importante, ocupado e moderno. Na segunda metade, se tivermos um pouco de sorte e juízo, gastamos todas as nossas energias tentando reconquistar a tranquilidade de quem não deve satisfações sobre os próprios horários.

O café quente da manhã, o silêncio da casa antes que as buzinas comecem na rua e a companhia de um bom disco ou livro antigo têm mais a nos ensinar sobre sabedoria do que qualquer palestra motivacional em auditório de hotel. No fundo, envelhecer bem é apenas a arte paciente de descobrir o que podemos dispensar sem fazer a menor falta.

Para Hoje: O Que Ouvir

****Aja (1977) - Steely Dan****

O jazz-rock cirúrgico e elegante de Donald Fagen e Walter Becker para saborear a doçura de não entrar em debates inúteis.